

'A Rã', de Donato, ganha remix para saltar nas pistas

PÁGINA 3



'Tempo de Guerra': o conflito sem qualquer glamour

PÁGINAS 4 E 5



A premiada 'Tom na Fazenda' volta aos palcos cariocas

PÁGINA 8



2º CADERNO



Daniel Ebendiger/Divulgação

Encanto, romance e humor

Os solistas Gabriela Pace e Igor Vieira estão no elenco da montagem desenvolvida por André Heller-Lopes

Opereta 'A Viúva Alegre', de Franz Lehár, retorna ao Municipal em montagem com várias referências à icônica figura de Carmen Miranda

Por Affonso Nunes

Após mais de dez anos, a opereta "A Viúva Alegre", de Franz Lehár, faz seu retorno nesta quinta-feira (17) ao palco do Theatro Municipal do Rio de Janeiro com uma nova montagem. A produção, que contará com a participação da Orquestra Sinfônica do TMRJ e do Coro do Municipal, traz a direção cênica de André Heller-Lopes e a

regência do maestro Felipe Prazeres.

A obra foi composta por Lehár em 1905 e estreou mundialmente no Teatro An der Wien, em Viena, no dia 30 de outubro do mesmo ano. Desde sua estreia, "A Viúva Alegre" conquistou grande sucesso e se tornou uma das operetas mais populares do repertório lírico. A música encantadora, com suas valsas e canções apaixonadas, e o enredo cativante continuam a emocionar plateias ao redor do mundo.

O elenco da montagem é composto por grandes nomes da música lírica, como Ga-

abriella Pace (soprano), Tati Helene (mezzo-soprano), Igor Vieira (barítono), Santiago Villalba (tenor), além da participação especial da atriz Alice Borges. A coreografia é assinada por Rodrigo Negri.

A opereta, que será apresentada até o dia 27, mistura humor, romance e belas canções, como as inesquecíveis valsas que marcam a obra. A história se passa em Paris, na embaixada de Pontevedre, onde Hanna Glawari, uma jovem viúva rica, é cortejada por diversos pretendentes, enquanto lida com dilemas amorosos e sociais. A montagem faz várias referências à figura de Carmen Miranda nos figurinos e na cenografia.

"Essa montagem de 'A Viúva Alegre' oferece ao público uma experiência única, com a combinação de uma música encantadora e uma narrativa atemporal que celebra o amor

e o humor", destaca André Heller-Lopes.

Maestro titular da Orquestra Sinfônica do TMRJ, Felipe Prazeres define a obra de Lehár como um "verdadeiro clássico da opereta". "Nossa missão é transmitir sua energia e beleza com a intensidade que ela merece, criando uma atmosfera vibrante e emocionante", explica.

SERVIÇO

A VIÚVA ALEGRE

Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia)

17, 19, 22, 25, 26 e 27/4, às 19h (exceto no dia 27, que será às 17h)

Ingressos: Frisas e camarotes – R\$ 90 (individual) | plateia e balcão Nobre – R\$ 80 | balcão superior e lateral – R\$ 50 | galeria central e lateral – R\$ 20

Um legado de irreverência

Avellar Love e seus Bonobos recria no Blue Note Rio a atmosfera debochada oitentista do João Penca e Seus Miquinhos Amestrados

Por Affonso Nunes

Avellar Love e seus Bonobos Regenerados apresentam nesta quinta-feira (17), no Blue Note Rio, um show escandalosamente divertido, repleto da energia e irreverência que marcaram o rock nacional dos anos 1980. O repertório mistura canções do grupo João Penca e Seus Miquinhos Amestrados - do qual Avellar fez parte - com sucessos daquela década numa viagem musical que passa por Léo Jaime, Eduardo Dusek, Rita Lee, Elvis Presley e Roberto & Erasmo Carlos. Formada no Rio em 1977, com o



Divulgação

Avellar Love e Seus Bonobos resgata o humor do saudoso Miquinhos Amestrados

nome inicial de Zoo, a João Penca e Seus Miquinhos Amestrados se destacou na cena musical brasileira oitentista com sua irreverência e humor. Musicalmente, mesclava rockabilly, doo-wop, surf music

e new wave, criando um estilo único que parodiava os anos 50 e 60 com letras provocativas e figurinos com muito brilho inspirados em astros como Elvis Presley e Chuck Berry.

A formação clássica da banda contou com Selvagem Big Abreu (vocal e guitarra elétrica), Avellar Love (vocal e baixo), Bob Gallo (vocal e bateria), Léo Jaime (guitarra elétrica) e Cláudio Killer (teclados). O álbum de estreia, “Os Maiores Sucessos de João Penca & Seus Miquinhos Amestrados” (1983), trouxe hits como “Edmundo” e “O Ursinho”, além de participações especiais de Ney Matogrosso, Lulu Santos e Chacrinha. Nos álbuns seguintes, canções como “Lágrimas de Crocodilo” e “Matinê no Rian” também se tornaram sucesso.

Após um período de inatividade, reuniram-se em 2007 para shows e lançaram o DVD “Ao Vivo no Circo Voador”, mas se separaram novamente em 2010. Com uma mistura de nostalgia e inovação, Avellar Love e seus Bonobos Regenerados mantém vivo o irreverente legado dos Miquinhos Amestrados.

SERVIÇO

AVELLAR LOVE E SEUS BONOBOBOS
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)
17/4, às 22h30
Ingressos a partir de R\$ 60

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Releitura sertaneja

A dupla Mariana & Mateus apresenta o segundo volume do projeto “Contêiner Sertanejo”, gravado em Londrina (PR), sua cidade natal. Os irmãos combinam músicas inéditas com releituras de grandes sucessos. O destaque deste novo EP é a faixa “O Amor e o Poder”, parceria com a cantora Naiara Azevedo, que revisita o clássico internacional “The Power of Love”, imortalizado no Brasil na versão em português na voz de Rosana. A releitura traz o swing do sertanejo contemporâneo sem perder a essência dramática e potente da original.

Cadu Fernandes/Divulgação



NPL Divulgação

Sandy canta Milton

Sandy lançou nas plataformas digitais uma nova versão da canção “Travessia”, de Milton Nascimento, com participação do guitarrista Mateus Asato. A faixa chega com lyric video no YouTube e inaugura o álbum “ReNascimento”, inspirado na trilha sonora do documentário “Milton Bituca Nascimento”, de Flavia Moraes, que acompanhou a turnê de despedida do artista mineiro, “A Última Sessão de Música”. Escolhida por Sandy por seu valor afetivo, a canção já havia sido interpretada por ela em 2023 em homenagem a Milton no programa “Altas Horas” (foto).



Divulgação

Rodando no piseiro

Nome emblemático do piseiro, o forró com pegada eletrônica, Os Barões da Pisadinha estão de volta com mais uma faixa inédita para dar início ao aquecimento dos festejos juninos. “Cabeça Rodando” é o novo lançamento da dupla formada por Rodrigo e Felipe Barão. A faixa é um forró envolvente com pegada de arrocha, perfeito para dançar coladinho e afogar as mágoas no ritmo que só os pioneiros da pisadinha sabem fazer. A canção retrata o fim de um relacionamento e a tentativa de esquecer tudo na bebida, tema que muitos fãs vão se relacionar.

Por Affonso Nunes

Clássico da música brasileira, “A Rã” - parceria de João Donato (1934-2023) e Caetano Veloso - revela sua atemporalidade em versão eletrônica assinada pelos DJs e produtores Cau Bartholo e Zeo Guinle, já disponível nas plataformas de streaming, que promete ser uma sensação nas pistas de dança, apresentando um dos nossos maiores compositores e instrumentistas às novas gerações.

Com melodia composta nos anos 1960 por Donato e letra escrita posteriormente por Caetano, o tema surgiu de forma despretensoza durante improvisos que Donato fazia ao piano. Foi gravada originalmente no icônico álbum “Sérgio Mendes & Brasil ‘66” e se chamava “The Frog”. Ícone do cruzamento entre jazz e música brasileira, o tema tornou-se um dos mais queridos do repertório de Donato.

O remix assinado por Cau Bartholo e Zeo Guinle reinterpreta essa obra a partir de uma fusão entre tradição e modernidade. Cau, que estreou como produtora com o single “Baque”, em 2024, une-se a Zeo, conhecido por sua versatilidade na música eletrônica e por projetos que transitam entre o ancestral e o contemporâneo.

Com base rítmica pulsante, synths minimalistas e ambientação cuidadosa, a versão traz os vocalizes de Donato na versão gravada pelo artista no álbum “Quem É Quem”, de 1973, o primeiro em que o consagrado pianista coloca sua voz e se assume também como cantor. Neste remix, sua voz surge envolta por texturas eletrônicas. A influência de elementos do deep house - caracterizado por batidas suaves e compassadas com elementos do jazz, soul e funk -, jamais se sobrepõe à delicadeza harmônica contida no tema original.

“Este remix é um tributo às minhas raízes e ao legado de João Donato, meu conterrâneo, um artista também nascido no Acre. Quando escolhi ‘A Rã’, fui até a família de Donato para compartilhar a ideia e, com o total apoio de



Cau Bartholo fala sobre a faixa: ‘Quando escolhi ‘A Rã’, fui até a família de Donato para compartilhar a ideia e, com o total apoio deles, o projeto tomou forma’

A rã de João Donato **salta nas pistas**

Clássico do repertório do saudoso músico, percussor da fusão entre jazz e MPB, ganha versão remix assinada pelos DJs Cau Bartholo e Zao Guinle

Ivone Belém (viúva do músico) e Donatinho, o projeto tomou forma. Convidei o querido Zeo para essa parceria excepcional e, depois de muito trabalho, finalmente chegou o momento de celebrar e compartilhar com o público esse lançamento tão aguardado”, afirma Cau Bartholo.

O resultado final do trabalho agradou a família do músico, que completaria 100 anos no ano passado. “A intervenção refrescante da

Cau Bartholo na música do Donato, que já nasceu atemporal, presta o serviço de apresentá-lo para a geração que está tomando contato com a música brasileira por meio do eletrônico produzido nos dias de hoje”, destaca Ivone Belém. “Mas a grande magia é o fato de a Cau ter nascido no Acre, assim como o Donato, e despontar na cena da música contemporânea bebendo na fonte do conterrâneo”, elogia.

O resultado do remix, desta-

ca a viúva do músico, respeitou o espírito da criação donatiana, o que por certo o deixaria feliz. “João cuidava da obra dele com a atenção e o carinho de quem cuida de filhos. Além disso, a Cau foi respeitosa e percorreu todos os caminhos legais do direito autoral, o que é raro em se tratando de remix”, comenta.

Ivone revela ainda que a DJ e produtora se apoiou no trabalho de pesquisa feito no Instituto João

Donato, que já gerenciava o carreira do músico ainda em vida.

A colaboração entre Cau e Zeo Guinle nasce como um diálogo entre gerações e territórios. Cau traz a força de sua conexão com a cultura amazônica; Zeo contribui com sua longa trajetória como remixer e produtor, incluindo releituras de Raul Seixas. No estúdio de Zeo, na Glória, passado e futuro se cruzam com liberdade e invenção.

Por **Leonardo Sanchez**
(Folhapress)

Um grupo celebra efusivamente algo que se desenrola numa tela à sua frente. Poderiam ser fãs da A24, entusiasmados com o fato de a produtora queridinha dos cinéfilos estar lançando ela própria, pela primeira vez, um filme no Brasil. Mas a cena pertence aos personagens deste longa, “Tempo de Guerra”, num raro momento de alegria.

Daí para frente, os rapazes que vibravam com as moças de um vídeo de ginástica aeróbica pegam em armas e escoltam o espectador por uma hora e meia de agonia, durante a ocupação americana no Iraque em 2006. Corpos mutilados logo ofuscam qualquer expectativa de leveza.

Dirigido por Alex Garland - um ano depois de “Guerra Civil” também para a A24 -, em parceria com Ray Mendoza, ex-integrante da Marinha dos Estados Unidos que estreia como cineasta, “Tempo de Guerra” não é uma experiência agradável. “Tempo de Guerra” se desenrola na claustrofobia de um apartamento sitiado pela Al Qaeda. Dentro, jovens soldados tentam escapar com seus feridos daquele território inimigo, numa missão mostrada ao espectador em tempo real. Conforme corpos vão sendo dilacerados e militares começam a lidar com os primeiros sinais de estresse pós-traumático, silêncios se alternam com o barulho das balas e dos gritos, sem trilha sonora.

“Não foi nossa intenção fazer um filme gráfico, perturbador, mas queríamos ser honestos. A dor de um soldado alvejado não dura um minuto e meio, como normalmente é o caso no cinema. Nada do que fizemos foi uma escolha criativa, mas sim uma tentativa de mostrarmos aqueles eventos da forma mais fiel possível”, diz Garland.

O roteiro, compartilhado com Mendoza, foi escrito depois de eles se conhecerem em “Guerra Civil”, em que o veterano serviu de consultor. A trama foi costurada a partir de seus relatos e dos colegas que viveram aquela angustiante uma



Ação em tempo real: batalhão americano luta para sobreviver a emboscada em território iraquiano em ‘tempo de Guerra’, de Alex Garland

A guerra sem glamour

Em “Tempo de Guerra”, Alex Garland e Ray Mendoza mergulham o espectador na brutalidade do Iraque em 2006 com um realismo sem alívio, nem trilha sonora

hora e meia, mostrada ao espectador sem intervalos.

Diferentemente dos delírios hiperbólicos de “Guerra Civil”, que incluía bombardeios à Casa Branca, “Tempo de Guerra” é mais pé no chão. Não há muito a enquadrar além de paredes cobertas por furos e rostos marcados por pânico, numa trama que avança mais pelas relações construídas entre os personagens, conforme o perigo aumenta, do que pela missão em si. Essa busca pela humanidade, escondida sob o semblante feroz e os trajes pesados, é comum ao cinema

de Garland, que também escavou os personagens de “Ex Machina”, que dirigiu, e “Não Me Abandone Jamais”, que roteirizou, em busca do que havia de mais cru e ordinário.

Já para Mendoza, testemunha dos horrores da guerra, a missão principal era ser autêntico, dispensando o heroísmo e a romantização comuns ao gênero de guerra para questionar que sacrifício é esse, feito em nome de líderes que decidiram ir ao campo de batalha sem pensar em quem mais tinha algo a perder. “Não é um filme sobre a Guerra do Iraque. O conflito é apenas o con-

texto que nos permitiu dissecar as emoções, o caos, o medo, as idiosincrasias de qualquer guerra. Falamos de trauma, de emoções, algo que não somos encorajados a fazer enquanto militares”, diz.

Encabeçando o elenco, Will Poulter é o mais assertivo, entre a dúzia de jovens atores, quase todos em rápida ascensão no cinema e na TV, que estão na linha de frente de “Tempo de Guerra”. Para ele, Hollywood sempre foi vidrada em glorificar a guerra, apesar de suas consequências. Poulter vive o chefe do batalhão que fica preso,

enquanto Charles Melton é seu equivalente na equipe de soldados que tenta se aproximar para resgatá-los. D’Pharaoh Woon-A-Tai ganha mais espaço por viver o próprio Mendoza, e por cuidar das feridas que os personagens de Joseph Quinn e Cosmo Jarvis sofrem.

Kit Connor, Noah Centineo e o brasileiro Henrique Zaga completam o batalhão com idade entre os 20 e os 30 anos, numa escolha que, além de refletir a realidade, casou com a intenção dos diretores de rejeitar homens mais velhos e de alta patente, que não formam a massa de vidas perdidas em campos de batalha mundo afora.

“Sem querer criticar outros filmes de guerra, mas aqui a intenção era mostrar a violência sem seguir a cartilha de Hollywood, sem manipular o espectador emocionalmente. Não há trilha sonora que instiga o público a reagir de uma forma ou de outra. As pessoas vão reagir a uma recriação de eventos reais”, diz Poulter.

“Tempo de Guerra” faz bom uso da experiência cinematográfica tradicional, dos alto-falantes que explodem e da telona que esfrega horrores gráficos na cara do espectador. Talvez por isso, com medo de o filme de médio porte ir diretamente para o streaming, a A24 tenha optado por lançá-lo no Brasil com suas próprias mãos.

Este primeiro lançamento próprio no território brasileiro, porém, é fruto do acaso e não de uma estratégia da produtora americana de se fazer presente no mercado local. Seus próximos filmes continuam com distribuição de parceiros como a Paris Filmes, que lança “A Lenda de Ochi” no mês que vem.

Ao contrário desses casos, em que a A24 vende os direitos de distribuição no país, em “Tempo de Guerra” o lançamento é feito com o auxílio de um agente que faz a intermediação entre a produtora americana e órgãos e exibidores locais. O início em tom celebratório, pelo visto, foi mesmo uma fantasia enganosa do que estava por vir, falemos da trama de “Tempo de Guerra” ou do ensaio de uma nova relação entre a A24 e o público brasileiro.

Apple TV/Divulgação

CRÍTICA / FILME / TEMPO DE GUERRA

Entre a crítica ao terror e o fetiche belicista

A24/Divulgação

Por Pedro Strazza (Folhapress)

A guerra parece um detalhe no filme “Tempo de Guerra”, o que soa contraditório diante de uma premissa tão direta ao ponto. A trama do longa acontece em tempo real, o que significa que o público vê o desenrolar completo de uma operação militar americana na ocupação do Iraque nos anos 2000.

A proposta tem um quê ousado, mesmo que a sua lógica perca em ineditismo. Filmes como “Dunkirk”, de 2017, e “1917”, de 2019, brincaram com conceitos parecidos, e o gênero mesmo já está desgastado depois de tantas reinvenções do tipo. Por isso mesmo, pontos à produção por conseguir interesse em algo tão compacto.

Mas o que impressiona mesmo na produção de Alex Garland e Ray Mendoza é o quanto do conflito ele está disposto a deixar em segundo plano. O contexto da guerra ao terror do governo Bush poderia ser qualquer outro na história, assim como a origem dos soldados que emboscam a tropa americana.

Dos tiroteios só ouvimos as balas zunindo, mesmo quando bombas, tanques e jatos dos Estados Unidos aparecem. Já entre os corpos e feridos vemos apenas os soldados da operação. A ação está tão condicionada àquela equipe específica que a sensação de claustrofobia pinta no espectador tão logo o filme começa.

Parece pouco, mas isso fica em evidência diante da origem da história. Mendoza foi um dos sobreviventes da missão retratada no filme, trabalhando com Garland para reconstruir o evento nas telonas. A produção é cuidadosa



A tensão muda de configuração a cada novo avanço da história, mas no geral é a mesma - a da espera, da indecisão

com os fatos, o que só aumenta o estranhamento - e fascínio - sobre o quão vago ele se torna nos seus entornos.

Então o filme trata de quê? A tradução do título para o português prejudica um tanto a compreensão do jogo. “Tempo de Guerra” é um título esperto, mas o original, “Warfare”, ou “estado de guerra”, reforça que a missão daqueles soldados é temporária, com um tempo próprio e nada ordinário.

Este estado dá nome a todo o suspense da trama. Ele começa na invasão silenciosa da tropa a uma casa de dois andares qualquer, onde monta a sua operação; prossegue na vigilância paciente da vizinhança, em que os militares monitoram possíveis ameaças, e termina no conflito, com os americanos acudados diante da ofensiva do inimigo, que os encurralam na moradia.

A tensão muda de configura-

ção a cada novo avanço da história, mas no geral é a mesma - a da espera, da indecisão. Uma hora, vemos um soldado exausto pelas horas de vigilância, esticando as costas e mascando tabaco. Pouco depois, com o tiroteio já em progresso, o aguardo do socorro médico é mais nervoso que os gritos incessantes de dor dos feridos.

Nesse tempo doido, os personagens navegam alheios, o que é terrível quando se está encurralado em um confronto armado. “Tempo de Guerra” soa nas melhores horas como o primeiro filme de guerra dedicado exclusivamente ao estresse pós-traumático dos soldados. O bom elenco liderado por Will Poulter transparece as feridas psicológicas criadas em meio à emboscada.

Mas o filme intriga mesmo pelo propósito do suspense. Os diretores parecem concordar na velha

máxima dos danos da guerra, só que a obra oscila entre a recriação e a crítica mais direta ao assunto.

Com Garland, por exemplo, “Tempo de Guerra” se alinha com os seus outros trabalhos, em especial o antecessor “Guerra Civil”, pelos poucos detalhes que surgem sobre a operação. O público nunca entende os pormenores, o que reforça que o sacrifício da tropa está a serviço da política de guerra esvaziada do governo da época.

Há ainda a cena em que um soldado orienta o outro a fingir autoridade no rádio e a ordenar o resgate médico apenas porque a burocracia do outro lado tenta bloquear o pedido. Uma cena desesperadora pelo nível de automatismo da conversa.

Ao mesmo tempo, o thriller toma o seu tempo para registrar as perdas da missão, sempre se aproveitando das jogadas estéticas que

encena para a história. As simulações de surdez e de confusão mental dos soldados, após bombardeios inimigos e rasantes de jatos aliados, devem somar bons 15 minutos dentro da duração curta de 90.

Esse cuidado também lembra a carreira de Garland, mas tem mais a ver com a fidelidade do longa aos rituais militares. Essa obsessão se encaixa com o histórico militar de Mendoza, que dá cor ao modo de agir quase mecânico dos soldados durante as táticas de campo.

Então o filme tem uma voz firme contra a guerra, mas não se furta de certo fetiche pelas operações. A contradição faz bem a “Tempo de Guerra”, até porque traz dimensão humana ao exercício narrativo. A obsessão com o tempo é o de menos perto do apuro daqueles homens, e o thriller funciona mesmo ao acessar o turbilhão emocional do momento.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ao ter seu nome anunciado pela atriz e cineasta Greta Gerwig quando o júri do Festival de Cannes de 2024 foi divulgar o ganhador do Prêmio de Melhor Direção, o português Miguel Gomes reagiu com um desabafo: “Às vezes, eu tenho sorte”. GANHOU NA CROISSETTE COM “Grand Tour”, que estreia no Brasil nesta sexta-feira, na grade da plataforma MUBI.

Pelo esplendor visual em preto e branco de sua reconstituição de época e por seu rigor na análise de sanhas burguesas em terras estrangeiras, o filme se impõe na tela com múltiplas destrezas técnicas que excluem, à primeira vista, a intervenção do acaso na vitória de seu realizador. Crítico de cinema na década de 1990, Gomes tem sido “sortudo” já faz tempo. Sua fortuna profissional vem desde que seu longa de estreia, “A Cara Que Mereces” (2004), tomou festivais na França e na Romênia de assalto, conquistando laúreas “em casa”, no IndieLisboa. Na sequência, o ensaio documental “Aquele Querido Mês De Agosto” (2008) virou sensação na Semana da Crítica de Cannes, pavimentando sua história de sucesso no balneário.

“Eu me sinto familiarizado com outros cineastas, sobretudo os que têm um universo próprio. No caso de ‘Grand Tour’, percebi que estava construindo a saga de pessoas que falam muito, mas não escutam nada. No fim da montagem, entretanto, extraímos dela outros sentidos”, diz Miguel ao Correio da Manhã, em entrevista via Zoom promovida pelo www.mubi.com.

Rodado parcialmente em locações, parcialmente em estúdio, para equacionar a produção em terras asiáticas, “Grand Tour” contou com três diretores de fotografia: Gui Liang, Sayombhu Mukdeprom e o mestre lusitano da luz Rui Poças. Sua trama se passa em Mianmar (outrora Birmânia), país do sudeste asiático que foi abalado por terremotos no fim de março. O período histórico em que Miguel



Molly (Crista Alfaiate) se embrenha pelo sudeste asiático em ‘Grand Tour’

Era dos extremos

Sem se render a paradigmas de reconstituições históricas, ‘Grand Tour’ chega esta semana à MUBI, carregando o prêmio de direção dado por Cannes a Miguel Gomes, ás do cinema luso

finca bandeira é 1918, logo após o fim da I Guerra Mundial, ainda com fantasmas coloniais pela Ásia. Ambienta sua jornada em Rangum (ou Yangon), que, àquela época, era uma cidade sob o domínio colonial



Miguel Gomes saiu laureado de Cannes com ‘Grand Tour’

britânico. Um de seus personagens centrais, o funcionário público Edward (Gonçalo Waddington), vai parar lá após abandonar sua noiva, Molly (Crista Alfaiate) no dia em que iriam se casar. Tomado pela

melancolia, ele foge das bodas num local distante do Velho Mundo, cercado de outros paradigmas culturais. Determinada a casar, Molly segue o rastro do noivo. Mergulha num mundo que não é o seu, de có-

digos avessos aos seus. Lá, a jovem se apaixona por si e encontra novas alegrias para rir - do seu modo peculiar.

“Meu interesse não era fazer uma reconstituição histórica, mas, sim, mostrar pessoas perdidas no tempo e no espaço”, diz Miguel.

Num material promocional para a Cinemateca Portuguesa, ele explicou que a gênese do longa vem de um livro de viagens publicado pelo escritor inglês W. Somerset Maugham (1874-1965) em 1935: “A Gentleman in the Parlour”. O cineasta escreve: “Em duas páginas deste livro, Maugham relatava o encontro com um inglês residente na Birmânia. Este tinha fugido da sua noiva pela Ásia afora antes de ser apanhado, iniciando um casamento feliz... No fundo tratava-se de uma anedota, jogando com estereótipos universais. A teimosia das mulheres vencida a covardia dos homens. O trajeto desta perseguição seguia a rota do grand tour. No início do século XX, o ‘grand tour asiático’ denominava o percurso iniciado numa das grandes cidades do império britânico na Índia, que se estendia até ao Extremo-Oriente (China ou Japão). Muitos viajantes europeus fizeram o grand tour”.

“Esse filme opera todo o tempo com oposições, que se desenham a partir do ponto de vista com que se olha para aquele território. Existe uma dialética entre o que o mundo nos dá e o que damos de volta a ele”, diz Miguel, que abordou a colonização empreendida por Portugal em “Tabu”, sensação da Berlinale de 2012, que saiu de lá com o (hoje extinto) troféu Alfred Bauer (dado a experimentações de linguagem) e o Prêmio da Crítica. “Na construção de ‘Grand Tour’, trabalhamos com pesquisa, mas tentamos fugir de superficialidades, com Crista Alfaiate a agregar elementos a partir de sua interpretação”.

Os primeiros longas de Miguel podem ser vistos no Brasil no streaming Reserva Imovision. No Prime Video da Amazon é possível alugar ou comprar “Diários de Otsoga”, lançado por ele em Cannes, em 2021, em codireção com Maren Fazendeiro.

Uma Pedra No Sapato/Divulgação

Divulgação



Vinicius Teixeira em cena no monólogo 'Selva: Solidão', escrito por ele e por Jefferson Almeida

Feridas invisíveis escancaradas

Monólogo 'Selva: Solidão' reflete sobre afetos, isolamento e sobrevivência da comunidade LGBTQIAPN+ em um mundo heteronormativo.

O monólogo "Selva: Solidão", escrito por Jefferson Almeida e Vinicius Teixeira, encerra temporada neste fim de semana no Teatro Sérgio Porto, no Humaitá. A montagem reúne três personagens interpretados por Vinicius — Jonathan, um atendente de fast food; Luiz Felipe, um garoto de programa; e Antônio, um professor universitário aposentado — cujas trajetórias

cruzam-se para dar forma a uma narrativa densa e sensível sobre os efeitos da solidão na vivência LGBTQIAPN+ em um mundo estruturado pela norma heterossexual.

A peça nasceu do desejo de lançar luz sobre feridas muitas vezes ignoradas, mas que atravessam a comunidade de forma silenciosa. "Fico feliz de poder reestrear a peça e ter a possibilidade de me comunicar com um público ainda

maior", conta Vinicius.

"Sinto que ela funciona como um espelho onde, através das vivências dos personagens, conseguimos reconhecer comportamentos que temos dentro da comunidade e que são extremamente danosos para nós como indivíduos, e como grupo."

Segundo o ator, a resposta do público tem sido comovente. "Percebo que as pessoas se identificam muito com os personagens, com os sentimentos, com as inseguranças e com o medo da solidão. Acho que a peça nos coloca como espectadores de nós mesmos."

Para Vinicius, dar continuidade a esse trabalho é fundamental. "Cada temporada é muito importante para que a peça siga acontecendo. Acredito muito nas reflexões que essa história propõe,

“As pessoas se identificam com os sentimentos, o medo da solidão. A peça nos coloca como espectadores de nós mesmos.”

Vinicius Teixeira

e sinto que a solidão é um tema que tem feito parte da realidade de muitos de nós." A expectativa é que, ao ocupar o novo espaço, o espetáculo continue promovendo encontros potentes. "Espero que,

nessa nova temporada, o espetáculo consiga continuar levando pessoas ao teatro. Que possamos continuar estabelecendo conexões e diálogos para um público cada vez mais amplo."

Além de ator e dramaturgo, Vinicius também é protagonista do longa "O Melhor Amigo", ao lado de Gabriel Fuentes. Ele acredita na importância de ampliar a presença de histórias LGBTQIAPN+ em todas as linguagens. "Mostrar a nossa realidade é transformador para que possamos agir pela mudança desse cenário, mas também sinto que, paralelamente, é importante que existam produções que retratem a nossa comunidade de uma forma romântica e leve. É muito potente na criação desse imaginário de um futuro mais feliz para nós", conclui.

SERVIÇO

SELVA: SOLIDÃO

Teatro Sérgio Porto (Rua Visconde de Silva, s/n ao lado do nº 292)
Até 20/4, sexta e sábado (20h) e domingo (19h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

“Tom na Fazenda” retorna ao Rio para

uma curta temporada no Teatro Adolpho Bloch até o dia 30. Sucesso de público e crítica desde a estreia, em 2017, o espetáculo já foi visto por mais de 80 mil pessoas em mais de 450 sessões. Ao longo desses sete anos, consolidou-se como um dos marcos do teatro brasileiro contemporâneo.

A adaptação do texto do canadense Michel Marc Bouchard para os palcos brasileiros tem assinatura de Armando Babaioff, que traduziu e protagoniza a obra, e de Rodrigo Portella, responsável pela direção. Foi Babaioff quem bancou o projeto do próprio bolso, movido por sua convicção artística e amor incondicional ao teatro. “Investi [meu dinheiro] naquilo em que acredito, que é o teatro. O teatro me salvou. Comecei a fazer teatro aos 11 anos, em uma escola pública do Rio. Todo o dinheiro que eu ganhei, eu gastei produzindo teatro. Não tenho nada, não tenho carro, não tenho casa, não comprei nada, por opção, porque eu acredito que a vida do artista é uma jornada”, declarou o ator em entrevista recente ao podcast Recife Ordinário.

O retorno do espetáculo ao Rio coroa uma trajetória marcada por reconhecimento dentro e fora do país. Em 2023, a convite do Théâtre Paris-Villette, “Tom na Fazenda” realizou uma temporada de um mês em Paris com sessões lotadas e elogios entusiasmados da crítica francesa, incluindo o jornal Le Monde. No mesmo ano, a peça também esteve em cartaz em São Paulo, repetindo o êxito das temporadas anteriores, com mais de 8 mil espectadores e ingressos esgotados antes do fim de uma temporada de quatro meses.

“É muito importante o que está acontecendo com esse espetáculo, porque ele tem importância na história do teatro brasileiro recente”, afirmou Babaioff. Sua atuação no papel-título rendeu os principais prêmios da cena nacional, como o Shell, o APTR e o Cesgranrio, ao lado da direção de Portella,



Luto que escancara segredos

Com direção de Rodrigo Portella e atuação premiada de Armando Babaioff, ‘Tom na Fazenda’ faz curta temporada no Teatro Adolpho Bloch

igualmente premiada.

A trama mergulha nas tensões invisíveis entre estranhos e íntimos. O protagonista, Tom, viaja ao interior para o funeral do namorado e depara-se com uma família que sequer sabia de sua existência. Daí se desdobra um

jogo de manipulações, silêncios e violências. A encenação reflete esse embate com uma moldura sombria, feita de luz dura, figurinos secos e repetições que transformam o espaço cênico num campo de forças emocionais.

Ao lado de Babaioff, estão

em cena Denise Del Vecchio, Iano Salomão e Camila Nhary. O quarteto se entrega a diálogos intensos e cortantes, onde se tenta esconder o que se sente, apenas para acabar revelando o que mais se teme. A direção aposta em uma dramaturgia precisa e num ritmo

“Todo o dinheiro que eu ganhei, eu gastei produzindo teatro. Não tenho nada por opção”

Armando Babaioff

que mantém o espectador em estado de alerta, diante de uma história que expõe o abismo entre o que se diz e o que se vive.

SERVIÇO

TOM NA FAZENDA

Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 – Glória)
Até 30/4, às terças e quartas (20h)

Ingressos: Plateia A (terças) - R\$ 120 | Plateia B (terças) - R\$ 40 | Plateia única (quartas) - R\$ 120